

♥♥♥ Gonçalo Ferreira da Silva ♥♥♥

As bravuras de Justino pelo amor de Teresinha



Gonçalo Ferreira da Silva

As bravuras de Justino pelo amor de Teresinha

Caminhando descuidado
No mundo da ficção
Um personagem cruzou
A minha imaginação
E contou ao meu ouvido
A seguinte narração:



Existiu na Paraíba
No próximo século passado
Um homem muito pacato
Que vivia amedrontado
Com o grande cangaceirismo
Reinante naquele Estado.

Pois a Paraíba fora
Celeiro de malfeitores
Vivendo à margem da lei
Cruéis e salteadores
Bandidos inveterados
Só a praticar horrores.

Horácio era dotado
Duma fé inabalável,
Dum espírito edificante,
Personalidade amável,
Conduta irrepreensível
E de caráter louvável.

Com um filho e a esposa
Justino e dona Celina
Levava a vida de párea
Numa casa pequenina
Pobre materialmente
Mas rica de luz divina.

2

Naquele sertão inculto
Constantemente assolado
Pelas mais tremendas secas,
Pelo mais cruento fado,
Pelo destino adverso,
Para a pobreza marcado...

Vendia couro de tejo,
Raposa e carnaleão;
Com o dinheiro apurado
Comprava milho e feijão,
Gêneros imprescindíveis
Para a alimentação.

Seu cão era a salvação
Para tanto sofrimento,
Para mitigar a fome,
Para atenuamento
Da tristeza da família
No profundo isolamento.

Pelas circunvizinhanças
Porém um pouco afastado
Do centro de Guarabira
Havia um homem abastado
Dono de grande fazenda
E extremamente malvado.

3

A família de Horácio
Estava tranquilamente
Almoçando certo dia
Quando repentinamente
Recebeu uma visita
Despropositadamente.

_Olá, caro Valadares
Disse Horácio jubiloso;
Quais as novas que nos conta?
Ele respondeu, nervoso:
_Estou farto de viver
Com aquele criminoso.

De fato tinha fugido
Muitos dos auxiliares
Com medo da atroz morte
Acorreram a outros lares
Para tentar melhor sorte,
Inclusive Valadares.

Disse Valadares que
Mesmo homem do cangaço
Nunca ousou entrar na zona
De eficácia do braço
Portentoso de Bezerra
Para não virar bagaço.

Justino que ouvia tudo
Disse: _Papai, isto dói
No fundo da minha alma
O que esse homem destrói
Eu quero ter o prazer
De conhecer esse herói.

Respondeu Horário lívido:
_Então queres morrer cedo
Retrucou Justino sério:
_Vou lhe falar sem segredo:
Nunca assumi compromisso
Com covardia ou com medo:

Pedtu a bênção dos pais
Depois seguiu confiante
Quando chegou em Belém
Um povoado distante
Já havia elaborado
Um plano muito importante.

O de comprar uma corda
Nesse íntimo povoado
Quando encontrasse um cavalo
Pastando desocupado
Apanhá-lo em pleno campo
Para seguir sem enfado.

5

Os caminhos que seguia
E os que via em sua frente
Todos tortos à feição
De cobras na terra quente
Já à noite e o cansaço
Chegavam implacavelmente.

Recomeçou a viagem
No outro dia bem cedo
Durante a noite dormiu
Naquele santo arvoredo
Sem lhe aparecer nada
Que causasse susto ou medo.

Atravessou várias matas
De temperaturas frias
Quando havia exaurido
Todas suas energias
OuvIU relinchar cavalos
Por aquelas cercanias.

Elevou um belo potro
Sem no entanto atentar
Que já estava ferrado
E podia lhe complicar
Jogou o cabresto e disse:
_Assim posso viajar.

6

No pino do meio dia
Estava ele descansando;
O cavalo estava em 'osso'
Saiu por ali pastando
Quando de súbito avistou
Um homem se aproximando.

Chamava-se Amaral
Falava pausadamente
Com um enorme cigarro
De palha seguro ao dente
Emprestava-lhe o aspecto
De homem sério e valente.

Travaram ali um diálogo
De palavras veementes,
Quando Amaral fez questão
De dizer que os procedentes
Que havia ido a fazenda
Morreram como inocentes.

Então retrucou Justino:
_Já me basta o tempo gasto;
Esta pradaria é grande
Este campo é muito vasto
Portanto vá amarrar
Seu cavalo noutro pasto.

7

Coincidiu que Amaral
Era um vaqueiro estimado
Do valente coronel
Que estava autorizado
A procurar animais
Ausentes do seu cercado.

Mas Justino enquanto isto
(Muito calmo por sinal)
Cortava, da Paraíba
O seu planalto central
Sem ligar o ferro "B"
No pescoço do animal.

Adiante chegou num córrego
D' água pura e cristalina
Quando, repentinamente,
Viu correndo uma menina
Que estava tomando banho
Ao pé de uma colina.

_ Vou te pregar neste instante
Um susto descomunal
É que os punhos de meu pai
Tem um hábito infernal
De destroçar o individuo
Que tente me fazer mal.

8

_ Seu pai se não for valente
É pelo menos ousado,
Meu punho também é rijo
E quando solicitado
Jamais o vi se negando
De dá conta do recado.

Ambos seguiram no potro
Galgando a orla do rio,
Ela segurava firme
Naquele tronco sadio
Sentia tal sensação
Que causava calafrio.

Ela que nunca sentira
Iguar aproximação
Ficara tão excitada
Que esfriara o coração
Porém usou nervo firme
E não deu demonstração.

Pararam em frente ao alpendre
Saltaram rapidamente,
Lucinda um pouco assustada
Entrou repentinamente,
Disse: _Papai há um moço
Que quer lhe falar urgente.

9

Bezerra ao chegar com um cão
Disse: _Bom dia, indecente;
O rapaz lhe respondeu:
_Até o momento presente
Não tenho qualquer notícia
De que eu seja seu parente.

_Não estou pra brincadeiras
Nem aqui as admito
Respondeu o coronel
Com um semblante esquisito
E como achou este potro?
Responda logo, maldito.

E num frêmito de pavor
Lucinda gritou da sala
Justino lhe respondeu:
_Menina, ou você se cala
Ou verá neste momento
Soar a primeira bala.

_Meus punhos não aprenderam
Fazer qualquer distinção
De homem para mulher
Nem escolhem ocasião
Quanto maior é a árvore
Mais bela a queda no chão.

10

Justino movimentou-se
Sem sentir qualquer receio
E disparou o revólver
Cortando o cigarro ao meio
Da boca de Amaral
E atingindo o alvo em cheio.

A filha do coronel
Aplaudiu com alegria
Por sua sagacidade
E o senso de pontaria;
O coronel o encarava
E Amaral somente ria.

O coronel só pensava
Em fulminar o Justino;
Num passo falso que desse
Ou por qualquer desatino.
Dizia: _Estou esperando
O teu momento, menino.

Seguiram de madrugada
Num momento o coronel
Viu dum tronco de mufumbo
Vir salndo uma cascaval,
Bezerra disse a Justino:
_Vais ver quanto eu sou cruel.

11

O coronel então disse
Ameaçadoramente:
_Menino ou tu neste instante
Me agarra esta serpente
Ou te mato agora mesmo
Para aprender ser valente.

Justino pegou a cobra,
Ao levantá-la falou:
_Um teste como este aqui
O senhor nunca provou
E nos pés do coronel
A dita cobra jogou.

Aí Justino falou
Com o revólver apontado:
_ Se o senhor vacilar
Já estará liquidado
Pegue esta serpente agora
Se quer provar que é ousado.

O coronel vacilou
Vendo iminente o perigo
Viú cortada a vaidade
Porém temeu o castigo
Diz Justino: _Brevemente
Prestarei contas contigo.

12

_ Parece que tu perdeste
Teu tempo anteriormente
Lendo folhetos em que
Só o mocinho é valente
Porém na vida real
É tudo bem diferente.

Uns com os outros comentavam
De Justino a atitude,
Outros diziam: _ Talvez
Que Bezerra agora mude
Porque este ao que parece
Sabe domar cabra rude.

Assim era comentário
Por cima de comentário.
Justino chegou à casa
De um sexagenário
E disse: _Talvez que este
Me informe o necessário.

O velho ficou tremendo
Com a visita inesperada,
Justino justificou
Que ia sua morada
Tecer considerações
Sobre a fazenda afamada.

13

Nisto aparece uma jovem
De indizível beleza,
Justino ficou estático
Vendo tanta boniteza,
Esta ao cumprimentá-lo
Disse: _Meu nome é Tereza.

Então o velhinho disse:
_Meu filho por caridade
Não conte nada a ninguém
Porém há necessidade
Que agora neste momento
Lhe conte toda a verdade.

— Esta fazenda foi minha
Disto eu presto juramento
No entanto o coronel
Tomou o meu documento
E através do fator força
Me impôs este sofrimento.

Tereza fez um café,
Serviu de modo agradável,
A paixão dum pelo outro
Era tão indisfarçável
Que ela acabou dizendo:
— És um jovem admirável.

14

Justino disse ao velhinho:
— O senhor fique tranqüilo
Porque daqui por diante
Nenhum momento vacilo
E o coronel Bezerra
Brevemente o aniquilo.

Quando estavam desertas
Tanto a casa quanto a venda
Justino pulou dizendo:
— Coronel não se ofenda
Mas me mostre os documentos
Do dono desta fazenda.

O coronel vendo a arma
Sobre o seu peito encostada
Disse: _Esta fazenda é minha
Diz Justino: _Não é nada
Quero que você agora
Me mostre essa papelada.

Travaram nesse momento
Uma batalha infernal;
Justino jogou de lado
O revólver e o punhal
E disputaram no tapa
Uma luta sem igual.

15

A luta teve sequência
Os murros se sucediam,
Davam baques nas paredes
Que as telhas todas rangiam
As ripas se espatifavam
As frágeis portas ruíam.

Tornou-se um quadro dantesco
A casa danificada
Aquela batalha fora
Palmo a palmo disputada,
De objeto aproveitável
Ali não escapou nada.

Jonas Trindade
PRESIDENTE DA ABLIC

Quebraram móveis e vidros
Brigaram uma hora e tanto;
Num dado soco o rapaz
Verificou com espanto
Que o corpo do coronel
Ficou inerte num canto.

E remexendo as gavetas
Achou com facilidade
O documento e o levou
Ao senhor Jonas Trindade
E disse: _Vá tomar conta
Da sua propriedade.

Todos de emoção choraram.
Depois olhando defronte
Os três seguiram contentes
Para o cabeço dum monte
E viram o sol pontual
Despontando no horizonte.

E Trindade adivinhando
O sublime pensamento
Dos jovens, perguntou logo
Evitando acanhamento:
_Por acaso já marcaram
O dia do casamento?

Os vaqueiros despertaram
Todos com a mesma missão
As mesmas reses muglam
Na mesma vegetação,
A mesma imensa fazenda
Porém um novo patrão.

Fim

9531



Rua Leopoldo Fróes, 37 - Santa Teresa - Rio de Janeiro.

Tel: (21)2232-4801 - contato@ablc.com.br

www.ablc.com.br

RIO DE JANEIRO - OUTUBRO DE 2005